

O MONGE E O EXECUTIVO: LIDERANÇA, MASSIFICAÇÃO OU DISCIPLINARIZAÇÃO?

*Kelen Cristiane dos Santos Chacon*¹

*Roberto Magán*²

Resumo

*Este artigo tem o propósito de analisar o conceito de liderança presente no livro *O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança*, de James Hunter, para a qual foram utilizadas as premissas da Teoria Crítica Radical e pensamentos afins, como o conceito de Sociedade Disciplinar de Foucault e de Sociedade de Controle de Burroughs, a fim de traçarmos um perfil distintivo entre o que Hunter deno-*

1. Kelen Cristiane dos Santos Chacon é mestre em Educação, Tecnologia da Informação e Semiótica pela Universidade Braz Cubas, é licenciada em História e Pedagogia e especialista em Formação de Profissionais de Educação e em Formação de Gestores; é, também, diretora da Rede de Ensino Municipal de Mogi das Cruzes. E-mail: kelen_chacon@yahoo.com.br

2. Roberto Magán é mestre em Educação, Tecnologia da Informação e Semiótica pela Universidade Braz Cubas, bacharel em Administração de Empresas, especialista em Redes de Comunicação, consultor em Tecnologias da Informação e professor da Faculdade São Luís e Centro Universitário Salesianos. E-mail: magan@bighost.com.br

mina liderança e os aspectos de massificação e disciplinarização presentes nas perspectivas atuais da gestão de conhecimentos e pessoas, adotadas nas empresas e na sociedade na era da globalização.

Palavras-chave

Liderança, massificação, disciplinarização.

Abstract

*This article intends to analyze the concept of leadership found in the book *The Servant: A Simple Story About the True Essence of Leadership*, by James Hunter, in which the premises of radical — critical theory and similar thoughts have been used, such as Foucault's concept of a *Disciplinary Society* and Burroughs's *Society of Control*. Our objective is to trace a distinctive profile between what Hunter calls leadership and the aspects of massification and disciplinarization present in current perspectives of knowledge and people management adopted by companies and the society in the age of globalization.*

Key words

Leadership, massification, disciplinarization.

Considerações Iniciais

O século XXI é marcado pelo domínio da competitividade voraz das leis da Sociedade de Livre Mercado, na qual a produtividade deixa de ser o único foco das indústrias/empresas, para que o escoamento da produção, o abastecimento do mercado e principalmente a manutenção da circulação incessante de mercadorias possam ocupar o lugar central das dinâmicas corporativas.

Nesta realidade, já não basta abastecer o mercado com produtos e serviços, é preciso criar pseudo-necessidades de consumo para que as mercadorias circulem e abram espaços à negociação e expansão do capital global, o que fica a encargo da Sociedade do Espetáculo³ e de

3. Conceito desenvolvido por Debord a fim de contemplar as relações existentes entre a fetichização imposta pela Indústria Cultural e o *modus vivendi* da sociedade contemporânea.

seus tentáculos invisíveis e sedutores. Por meio das inserções na mídia comportamentos, tendências de moda, correntes de pensamento, estilos de vida, movimentos sociais e até mesmo pulsões sexuais são determinadas e direcionadas de acordo com as necessidades mercadológicas a serem supridas.

A obra de Hunter, alvo deste trabalho, será analisada em seus aspectos conceituais, de modo a oferecer contributos reflexivos para os leitores acerca de sua carga ideológica e identitária. O autor em questão se propõe, de acordo com o título do livro referido, a abordar a “essência da liderança” nas relações travadas na sociedade contemporânea; contudo, os aspectos aludidos pela obra estariam caminhando em qual direção?

A fim de propormos tal investigação, serão explorados os aspectos constitutivos da indústria cultural, que tende a massificar⁴ as idéias e transformá-las em fórmulas mágicas de obtenção de sucesso rápido, obscurecendo a reflexão, a crítica e a arte, de modo a induzir ao pensamento único, bem como, o conceito de disciplinarização de Foucault (1985), a fim de estabelecermos parâmetros para a comparação das propostas de ação da obra analisada.

A Sociedade do espetáculo

É difícil apontar, com clareza, um único instante da vida cotidiana que esteja totalmente desvinculado dos imperativos do espetáculo, embora, nem sempre esta relação de poder esteja cristalina aos olhos e mentes dos indivíduos.

É, portanto, possível afirmar que vivemos imersos numa relação de poderes invisíveis que, exercem um controle total sobre a vida diária de cada ser humano, e determinam as escolhas que fazemos desde as esferas públicas até as instâncias mais íntimas. De acordo com as

4. O conceito de massificação será aqui apresentado em consonância com conceitos desenvolvidos pela Escola de Frankfurt acerca da Indústria Cultural e da Cultura de Massas, na qual a relação do homem com seu meio cultural e artístico se vê aprisionada pelos aspectos abstratos da Sociedade de Livre Mercado, e se conduz pela lógica da Mercadoria fetichizada, esvaziando o sentido ontológico e a capacidade reflexiva do indivíduo, e super valorizando a repetição de modelos produzidos e reproduzidos em escala industrial pelas mídias.

palavras de Pelbart (2000), o poder na atualidade não se restringe ao soberano decidir sobre o direito de vida/morte do súdito, mas sim, atua visceralmente na pseudo-vida diária. Nada mais somos, segundo o autor, que *figurens*⁵, que perambulam pelas cidades, estradas, campos, shoppings e outros centros coadunadores, consumindo padrões, com o intuito de se identificarem com os signos ditados pelo sistema e, dessa forma, sentirem-se vivos.

O poder que domestica o corpo (Foucault, 1985), também fundamenta as relações com as coletividades. A disciplinarização, que adveio das normatizações inovadoras da realidade da fábrica, se estendeu até as sarjetas das ruas e à organização dos números das moradias. Sua peculiaridade organizativa está impregnada em nossas mentes de tal modo que, nos impossibilita de pensar uma nova realidade viável para a organização social.

Fruto da naturalização das relações fetichizadas pelo capital ao longo dos últimos 300 anos, a Sociedade Disciplinar deu ares de legitimidade à opressão e ao ofuscamento do Ser, promovendo um misto de retorno velado ao Estado de Natureza renunciado por Hobbes (2004) e massificação dos indivíduos pela vertente da docilização⁶ fundamentada na “liderança positiva”.

O retorno ao estado de barbárie, à “guerra de todos contra todos”, está posta a toda modernidade, dado o grau de abstração que o homem sofreu de si mesmo ao longo do processo de modernização da sociedade. Boaventura Santos (2000, p.52), ao analisar o fascismo societal, que utiliza a opressão do espaço físico e da segregação das populações mais pobres nas periferias para manter sua organicidade, afirma:

...uma cartografia urbana divide (as cidades) em zonas selvagens e zonas civilizadas. As zonas selvagens são as zonas do estado de natureza hobbesiano. As zonas civilizadas são as zonas do contrato social e vivem sob a constante ameaça das zonas selvagens. Para se defenderem, transformam-se em castelos neofeudais, os encla-

5. Termo utilizado pelos alemães à época da Segunda Guerra Mundial para denominar o estado de morte em vida no qual se encontravam os judeus perante a dominação nazista.

6. Termo adotado por Foucault (2004) para definir a condição de abstração do indivíduo de seu próprio ser na sociedade disciplinar.

ves fortificados que caracterizam as novas formas de segregação urbana (cidades privadas, condomínios fechados, gated communities). A divisão entre zonas selvagens e zonas civilizadas está a transformar-se num critério geral de sociabilidade, um novo espaço-tempo hegemônico que atravessa todas as relações sociais, econômicas, políticas e culturais e que por isso, é comum à ação estatal e à ação não-estatal.

Tamanha crueldade foi promovida pela mercantilização dos valores essenciais à humanidade, e volveu todos os seres viventes em títeres da sociedade de consumo.

Na atualidade os homens não mais se relacionam entre si, mas sim, relacionam-se com tudo e com todos sendo mediatizados pelo valor abstrato da mercadoria, do dinheiro, da relação fetichizada, da fantasia da mídia, da imposição pelo consumo, da fluidez do tempo-máquina, da fragmentação do espaço-mercadoria, do desaparecimento do sentido da vida, do “salve-se quem puder”, do retorno ao Estado de Natureza (Hobbes, 2004).

Viver na modernidade é lidar com a tentativa constante de reunir o sentido ontológico que se estilhaçou em milhões de cacos, e não pode ser facilmente recomposto, pois a vida nesta sociedade, só tem valor quando de alguma forma é mediada pelo consumo.

As empresas e a disciplinarização

A organização das corporações (empresas de negócios, bens e serviços), que surgiu no vórtice da disciplinarização industrial, não é diferente. Como toda a ordem formal da sociedade contemporânea, esteve alicerçada na disciplinarização dos corpos e das mentes, que num processo de transferência do poder formalizado na liderança/direcionamento exercido pela figura do déspota, passou suavemente em menos de três séculos para a instância do invisível e impalpável, utilizando-se da docilização dos corpos por meio do confinamento e do enquadramento às regras disciplinares nos mais diversos espaços físicos sociais, como o exército, o hospital, a escola, a fábrica e a prisão. Embora distintos, os espaços e suas concepções disciplinadoras confluíram para a manutenção da individuação e modulação do indivíduo, ao utilizarem-se de mecanismos artificiais de contagem do tempo-fragmentação

organizada para calcular o tempo da produção — e de redução do espaço de circulação.

É na busca insana e desesperada pela satisfação das falsas necessidades impostas pela sociedade da livre troca mercadológica que o sentido da vida se esvai e promove o esfacelamento do indivíduo, culminando na massificação totalitária, em virtude do caráter afirmativo assumido pela cultura pós-moderna.

Foucault (1985) analisou muito bem o projeto dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica, pelos preceitos de concentrar, distribuir no espaço, ordenar no tempo-máquina, compor e recompor no espaço-tempo, determinando, assim, uma força produtiva que deve ser superior à soma das forças elementares.

Após a Segunda Guerra Mundial, a disciplinarização iniciou seu momento de cessão de espaço à nova ordem recém surgida: a empresa. Das novas necessidades de organização de gerenciamento das forças produtivas e das mentes dos operários, resultaram em novo estratagema: a Sociedade do Controle Total⁷.

As crises generalizadas instaladas nos principais braços da Sociedade Disciplinares — hospitais, fábricas, escolas, exércitos — suscitaram reformas e “re-engenharias” administrativas ao longo das últimas três décadas. Na crise do setor hospitalar, por exemplo, a setorização dos hospitais-dia, os atendimentos a domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar novos mecanismos de controle que rivalizavam com os mais duros tipos de confinamento para tratamento de saúde.

Nas antigas lidas da disciplina, a um só tempo o poder estava diluído na massificação e individuação, isto é, constituía num corpo único aqueles sobre os quais se exerce e se molda a individualidade de cada membro do corpo, tornando este dócil e domesticável, tal como o rebanho do pastor o é para consigo. Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: uma senha. A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o processo de acesso/exclusão à informação que, é a mercadoria mor deste novo estado de coisas.

7. Termo cunhado por Burroughs.

Não estamos mais diante do par facilmente identificado como massa-indivíduo. As relações agora são baseadas nas amostras, nos signos, nos dados, nos mercados, nos bancos, nos capitais dos quais dispomos.

A obra

Na obra *O Monge e o executivo*, de Hunter (2004, p.103), fica muito claro que a essência da liderança em tempos de Sociedade de Controle está contida, entre outros fatores, em administrarmos nossos diferentes capitais simbólicos e os signos que os revestem. Por meio do equilíbrio de nossa “conta relacional”, ou seja, se obtemos um relacionamento amistoso, atencioso e respeitoso com todos os que nos rodeiam na empresa — exercitando princípios de escuta ativa e tolerância — poderemos manter uma visão favorável do líder para com seus liderados e será possível conduzi-los daí por diante, com base nas pseudo-expressões de companheirismo, confiabilidade e sutil sujeição que criamos por meio deste vínculo invisível de controle psicológico.

É na perseguição da pseudo-humanização que o controle total se especializa. Nos meandros da psicologização do ser, atitude e pensamento herdados da disciplina, onde se criam modelos mais sutis de convencimento dos liderados.

Na obra analisada, o autor cria um ambiente de retiro espiritual e reflexão para líderes das mais variadas áreas da sociedade (um executivo estressado, um sargento do exército, uma diretora de escola e uma enfermeira, um pastor e outros), que interagem ao longo de uma semana com o monge que já foi um renomado empresário norte-americano, e resolveu deixar sua profissão no auge da fama e do sucesso para seguir a vocação sacerdotal.

As noções de arrebanhamento e massificação estão presentes de forma pulverizada ao longo da obra toda, sendo inclusive a criação do ambiente e das discussões dispostas de modo a reforçarem o imperativo de que a liderança deve se aproximar da tendência vocacional, tão subliminarmente presentes na premissa do controle total.

Ao passo que as sociedades em tempos anteriores dominavam o manejo de máquinas simples, providas de pequenas alavancas, roldanas, relógios e peças metálicas de toda ordem, as sociedades disciplinares mais recentes tinham, por domínio técnico, o campo das máquinas energéticas, lutando contra o perigo da entropia e da sabotagem interna.

Na atualidade, a realidade das empresas é outra. Suas vertentes operacionais se ligam diretamente às questões de conhecimento abstrato, tanto quanto sua produção se fundamenta na geração de trabalho-morto⁸. Portanto, para manter a liderança e o comando é preciso desenvolver técnicas de condução dos olhares e de especialização na dominação cordata exercida pela “motivação” e formação permanentes.

É no jogo de marketing, na promoção de pseudo-desejos, na constante incerteza do futuro⁹ que se arregimentam os esvaziamentos das mentes e dos seres, promovendo a massificação e ampla negação do indivíduo.

Os apelos de Hunter às bases de uma liderança de cunho essencial¹⁰, estabelecidas pelo estudo superficial que este propõe de tendências psicológicas das necessidades básicas dos seres — conforme demonstrado no decorrer dos capítulos 2, 3 e 4, nos quais ele renomeia funções, analisa a pirâmide de Maslow, re-conceitualiza as formas de amor e suas implicações com as formas de liderança que exercemos no mundo, prosseguindo na construção de analogias sobre a liderança de Jesus Cristo — torna possível perceber que o deslocamento do foco disciplinador, para o foco controlador, mantido pelo acompanhamento constante e condução dos atos, pensamentos e anseios — por meio da ressignificação das relações pessoais e sociais — coloca a proposição do autor na base do plano massificador da Sociedade de Livre Mercado.

As buscas incessantes por progresso e superação científica impeliram o homem a trabalhar até o limite da exaustão de suas forças físicas, mentais e emocionais. Para garantir que esse fenômeno basilar do

8. Termo cunhado pelo Grupo Krisis para expressar o trabalho abstrato que não advém da atividade humana significativa, e sim da valorização da energia abstrata empenhada na hora de qualquer trabalho realizado; portanto, para o conceito de trabalho-morto, não interessa se foi produzido um carro ou uma granada, o que verdadeiramente interessa é a quantidade de horas que se envolve neste processo.

9. De acordo com Santos, vivemos em uma sociedade que tende ao fascismo societal, e que dentre outros 5 aspectos arrolados por ele, fortalece o ódio e legitima a exclusão por meio da permanente incerteza que paira nas relações micro e macro sociais.

10. Talvez fosse sensato se perguntar se o termo “essência da liderança”, empregado no subtítulo do livro, tem alguma relação com a idéia conceitual de que a concepção essencialista precede a noção filosófica de existência do ser, determinado por sua vez, que é possível haver uma liderança por excelência, ou liderança essencial, que está no mundo, apesar das relações e da existência do seres?

sistema capitalista se sustente, os mecanismos de dominação devem ser eficientes o bastante para controlar, monitorar e direcionar os exércitos de mão-de-obra (especializada ou não) ao redor do mundo, em torno de uma mesma crença sedutoramente ilimitada, garantindo o torpor exato, para que estando mortos para si mesmos e para o mundo, ainda pareçam estar vivos para produzir e consumir.

De acordo com Berman (1985, p.259)

...esse mundo miraculoso e mágico é ainda demoníaco e aterrorizador, a girar desenfreado e fora de controle, a ameaçar e a destruir, cegamente, à medida que se move. Os membros da burguesia reprimem tanto a maravilha quanto o terror daquilo que fizeram: os possesores não desejam saber quão profundamente estão possuídos. Conhecem apenas alguns momentos de ruína pessoal e geral — apenas, ou seja, quando já é tarde demais.

Em plena luz do dia e as forças sociais são impelidas em direções ameaçadoras pelos insaciáveis imperativos de mercado, que nem o mais poderoso burguês seria capaz de controlar. A visão de Marx traz o abismo para perto de casa. (...) o tema dos desejos e impulsos insaciáveis, da revolução permanente, do desenvolvimento infinito, da perpétua criação e renovação em todas as esferas da vida; e sua antítese radical, o tema do niilismo, da destruição insaciável, do estilhaçamento e trituração da vida, da criação das trevas do horror. Marx mostra como essas possibilidades humanas se fundem na vida de todo homem moderno, através dos movimentos e pressões da economia burguesa. No curso do tempo, os modernistas produzirão uma variada mostra de visões cósmicas e apocalípticas, visões da mais radiante alegria e do mais árido desespero.

A fragmentação do ser social e do indivíduo se concretizam nesta relação complexa e dialética que inclui a negação e a plenitude expressas, por exemplo, na ação opressora do espaço totalizante das cidades, que segmenta as classes e empurra as camadas pobres para as periferias, produz e salienta a exclusão, pasteuriza os olhares por meio da arquitetura e obriga ao pensamento único¹¹, e, por conseguinte, atribui ritmo e disciplina à sociedade escravizada pelo consumo, que

11. Cf. Roggero (2006).

assume a configuração dos espaços de modo a conduzir as massas e garantir o sucesso da empreitada capitalista.

A invenção da modernidade, enquanto estilo de vida, e a corroboração de seus preceitos fundamentais alicerçados no consumo, exigiu algumas alterações estruturais que pudessem se encarregar de conduzir os olhares, as mentes e as ações numa direção unívoca — a direção da sustentação do livre mercado — e, assim, a reestruturação do espaço físico social e geográfico se torna uma medida urgente para atender a condução invisível das massas.

...a arquitetura e o planejamento modernistas criaram uma versão modernizada da pastoral: um mundo espacialmente e socialmente segmentado — pessoas aqui, tráfego ali; trabalho aqui, moradias acolá; riscos aqui, pobres lá adiante; no meio barreiras de grama e concreto, para que os halos possam começar a crescer outra vez sobre as cabeças das pessoas.

Essa espécie de modernismo deixou marcas profundas nas nossas vidas. O desenvolvimento das cidades nos últimos quarenta anos, tanto em países capitalistas como nos socialistas, combateu de forma sistemática, e em muitos casos conseguiu eliminar, o ‘caos’ da vida urbana do século XIX. Nos novos ambientes urbanos — de Lefrak City a Century City, do Peachtree Plaza, de Atlanta, ao Renaissance Center, de Detroit — a velha rua moderna, com sua volátil mistura de pessoas e tráfego, negócios e residências, ricos e pobres, foi eliminada, cedendo lugar a compartimentos separados, com entradas e saídas estritamente monitorizadas e controladas, atividade de carga e descarga por trás da cena, de modo que estacionamentos e garagens subterrâneas representam a única mediação possível. (Berman, 1985, p.191)

A lógica criada e exercida pelo mercado mundial na pós-modernidade redimensiona as relações sociais, culturais, econômicas e redefine as concepções espaço-temporais até então utilizadas pela humanidade.

Envolto pela busca incessante do “progresso-fáustico”, o homem se relaciona com a natureza social, natural e humana a seu redor, sem que qualquer caráter mediatizador, esteja presente em suas ações ou palavras. Despe-se, assim, do caráter ontológico que o cerca e investe de civilidade — o que conseqüentemente lhe atribuiu durante séculos de história a “condição de humanidade” — e o coloca na condição de

um liderado que clama por líderes capazes de ouvir o clamor de suas “necessidades e não de seus desejos”, conforme dita Hunter direta e indiretamente em 137 páginas de exploração da ideologia mercadológica travestida da máscara mágica das lideranças essenciais.

A luta voraz que é incitada diuturnamente pela Sociedade do Espetáculo, e exigida para o atendimento às leis de mercado, remonta à face mais cruel do Estado de Natureza, onde a premissa “todos contra todos” se faz pungente e legítima, quando o alvo é manter a sobrevivência no círculo vicioso da produção/consumo/obsolescência, donde, tal qual Sísifo, todos estão atrelados *ad infinitum*.

O poder disciplinador que surgiu nos últimos instantes do século XVII foi sendo aprimorado de modo silente e ganhando fortes contributos tecnológicos, o que se nota consideravelmente, a partir do advento da era informática em parceria com a velocidade da ruptura das fronteiras da globalização. A obra de Hunter trata especificamente deste aspecto do gerenciamento/manipulação de pessoas e empresas por meio dos signos e da psicologização massificantes.

O estresse facilmente detectado na rotina de muitos empresários pode ser diminuído pela mudança de foco sugerida pelo autor e pela implementação de um modelo de gestão democrático das relações sociais e empresariais, que não passam de uma nova nomenclatura para o formato disciplinar da sociedade de rebanhos sacerdotais, na qual o novo sacerdote é o Deus-mercado¹². Desta forma, o indivíduo, mais humanizado por ter suas “necessidades pessoais” atendidas, teria sua dignidade, satisfação e desempenho profissional aumentados.

A utilização da condução do invisível — manipulação das pessoas por meio de recursos de docilização do corpo e esvaziamento das mentes, para produzir um efeito desejado, é a fundamentação básica da Sociedade Disciplinar, que foi estudada por Foucault, demonstrando que a inferência do livro à pirâmide de Maslow absolutamente nada tem a ver com a busca da compreensão ou humanização do Ser, e sim, nos remete à busca de compreensão eficaz de como o líder deve agir para encaminhar seus pedidos e atender seus anseios produtivos

12. Expressão cunhada pelo Grupo Krisis e largamente empregada para conceituar o poder mágico sacerdotal e completamente fetichizado que a mercadoria assumiu na contemporaneidade.

sem que os liderados se rebellem, ou sequer sejam capazes de refletir sobre suas condições, uma vez que, se serão atendidos plenamente em seus “pseudo-desejos/necessidades” pela empresa, criando uma falsa idéia de valorização, atenção individual e reconhecimento da condição humana da qual julgam estar investidos neste ambiente aparentemente conciliador.

À página 89, Hunter escreve: (...) *Abnegação significa satisfazer as necessidades dos outros, mesmo que isso implique sacrificar suas próprias necessidades de vontades. Esta também seria uma apaixonada definição de liderança. Satisfazer as necessidades dos outros mesmo antes das suas, colocando a negação do sujeito como ponto forte da condução de uma boa relação de liderança. Em outras palavras, a mensagem implícita diz que, anular-se — perante o grupo de liderados, por exemplo — com o fim de obter êxito em manobras posteriores, pode levar o líder ao sucesso absoluto.*

Em uma passagem à página 60, Hunter coloca por meio de um de seus personagens a seguinte idéia: (...) *A obediência, entre outras coisas, também tem feito maravilhas para quebrar meu falso ego e meu orgulho. Essas duas características têm capacidade de interpor-se no caminho de nosso crescimento, se deixarmos*, denotando uma vez mais que a negação da subjetividade e o obscurecimento das vontades e ímpetus próprios deve prevalecer nas relações de liderança para que o bom líder aflore, por meio do que o autor alega ser uma relação de equilíbrio — quase transcendental.

De acordo com Hunter (2004, p.61), a premissa de essência da liderança é *a capacidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente na busca de objetivos identificados como sendo para o bem comum*. Se procurarmos analisar esta afirmação por uma vertente crítica, veremos que, ela muito se aproxima da condição de massificação utilizada em larga escala na sociedade pós-moderna, quando esta se fundamenta na busca de um bem comum calcado no progresso-fáustico. Tal ideologia foi largamente difundida durante a ascensão do nazismo alemão, e utilizando-se de subterfúgios legítimos — como atingir as necessidades básicas da dignidade do povo alemão, garantir a segurança em tempos de incerteza e ir ao encontro do bem-estar comum — Goebbels, responsável pela publicidade do partido nazista, criou a “alma do negócio” que sustenta e naturaliza as relações fascitóides das

empresas e das sociedades na atualidade, afirmando que: *Uma mentira repetida mil vezes, se torna verdade.*

Considerações Finais

Com vistas no percurso histórico e social descritos aqui, consideramos que a obra analisada propaga a alienação e a massificação, como técnica de orientação para os líderes da atualidade, e que toma por liderança os princípios do Controle Total e da Sociedade Disciplinar, pulverizando as problemáticas e obscurecendo as possibilidades de emancipação social. É preciso lembrar que temos como pano de fundo a esta complicada questão de “lavagem cerebral” apoteótica e submissão às necessidades dos outros, proposta por Hunter, a globalização mundial e a luta constante pela diminuição da exclusão social, política, econômica, cognitiva, cultural, digital, etc, que quando se confluem, geram um abismo conceitual e prático para a população que não passa de massa de manobra, seja pelas lideranças empresariais, políticas ou pelas lideranças invisíveis do poder disciplinador/controlador.

O contraponto entre a manipulação ideológica e a necessidade concreta da população, de ações contundentes no sentido de viabilizar as mobilizações sociais capazes de atender às angústias da população pela real inserção social, nada têm a ver com a proposta de liderança do monge e o executivo, que apontam o caminho do misticismo falacioso que reforça a fetichização das relações, e induz o indivíduo a ser engrenagem do sistema, e a `sentir-se feliz por exercer uma prática de sustentabilidade das relações de liderança e inclusão, por meio do “amor verdadeiro”, que para Hunter (2004, p.78) está descrito da seguinte forma: (...) *é paciente, bom, não se gaba nem é arrogante, não se comporta inconvenientemente, não quer tudo para si, não condena por causa de um erro cometido, não se regozija com a maldade, mas com a verdade, suporta todas as coisas, agüenta tudo. O amor nunca falha (...).*

Por fim, deixamos as questões maiores para reflexão: os líderes sabem que participam das artimanhas de massificação em prol da manutenção do estado de coisas, ou acreditam realmente que estão administrando questões sociais e econômicas de uma forma mais justa e humana? Até que ponto a percepção da fetichização das relações está presente/ausente no conceito de liderança adotado numa obra que está sendo

considerada a última palavra em gestão por estudantes, empresários e professores na atualidade?

Referências Bibliográficas

- ADORNO, T.; HOKHEIMER, M. (1986). *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1973). *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Cultrix.
- ALTHUSSER, L. (2003). *Aparelhos ideológicos do Estado*. São Paulo: Graal.
- BERMAN, M. (1985). *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CASTILHO, S. R. R.; SEVERIANO, M. F. V. (2005). Estratificação social: experiências e significações de práticas do consumo. *Revista Modernidade(s), subjetividade(s) e cultura(s) do consumo*. São Paulo, v.3, n. 11, p.13 — 17.
- CANEVACCI, M. (1981). *Dialética do indivíduo: o indivíduo na natureza, história e cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- DEBORD, G. (1997). *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- DUFOUR, D. (2005). *A arte de reduzir as cabeças*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- FORRESTER, V. (1997). *O horror econômico*. São Paulo: UNESP.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: a história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2004). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GIDDENS, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP.
- GRUPO KRISIS. (1999). *Manifesto contra o trabalho*. São Paulo: Conrad Livros.
- HARVEY, D. (2004). *Espaços de esperança*. São Paulo: Loyola.
- HOBBS, T. (2004). *Leviatã, ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Martin Claret.
- _____. (2003). *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.
- HUNTER, J. (2004). *O monge e o executivo: uma história sobre a liderança*. São Paulo: Sextante.
- KURZ, R. (1999). *O colapso da modernização*. São Paulo: Paz e Terra.
- LUKÁCS, G. (2006). *Consciência de Classe*. Disponível em <www.domoinio-publico.com.br> Acesso em 10 de março de 2006.

- MARCUSE, H. (2001). *Cultura e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra.
- MARX, K.; ENGELS, F. (2004). *A ideologia alemã*. São Paulo: Martin Claret.
- MARX, K. (2004). *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Martin Claret.
- PELBART, P. P. (2006). *Vida nua, vida besta, uma vida*. Disponível em <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2792_1.shl> Acesso em 21/05/2006
- ROGGERO, R. (2006). A cidade do pensamento único e a formação do indivíduo metropolitano. *Revista Acta Semiótica e Linguística*, n. 17.
- SANTOS, B. S. (2000). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez.

Recebido em: agosto de 2007

Aprovado para publicação em: setembro de 2007